



Blogs podem ser a imprensa livre de uma nova era¹

Márcia Siqueira Costa Marques²

Resumo

Novos meios de comunicação e convergência tecnológica estão fazendo emergir tipos diferentes de redes sociais na cibercultura, aqui tomada como categoria de época. Surgem, com elas – podemos dizer –, uma “aldeia glocal”, na qual o avanço da técnica traz outra forma de interação entre pessoas e redes digitais e estas estão abrindo canais de expressão e mostrando seu potencial de catalisadoras de mudanças sociais. Os blogs e o microblog Twitter se popularizam cada vez mais e estão sendo usados como meios de mobilização de pessoas, de pressão política e de luta contra a censura da mídia por governos autoritários. A informação em tempo real faz com que todos passem a ser repórteres. Assim, os blogueiros no Irã puderam noticiar para o mundo a revolta do povo em relação aos resultados da eleição presidencial de junho passado.

Palavras-chave

Cibercultura; Blog; Twitter; “Aldeia Glocal”; Censura.

Introdução

É a partir do comunicar-se e relacionar-se com semelhantes que o ser humano se constrói como ser social. Ele se agrupa e constitui novas comunidades, redes, sociedades. Essas interações e representações conceituam historicamente a humanidade. Assim, é importante pensar como estes sujeitos sociais se organizam e se representam no mundo contemporâneo, frente às novas tecnologias de informação e comunicação, com a convergência das mídias, com o surgimento de uma cultura digital.

¹ Trabalho apresentado no GP de Cibercultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutoranda da Faculdade de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, bolsista do CNPq.



“A técnica é nosso mundo” afirma Galimbert (2006, p.8). E enfatiza que a “técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é nosso ambiente” e as novas características criadas pela tecnologia vão gerar hábitos que vão nos transformar.

Os impactos destas transformações sociais e comunicacionais nos mostram um novo ambiente sócio-cultural baseado na era digital, no ciberespaço, que traz também uma nova forma de cultura, a cibercultura, onde a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa. E ler, nas hipermídias, pode significar ler realmente, tocar, fazer escolhas permanentes ou provisórias, criar, de alguma maneira, o texto. O usuário pode navegar, buscar, organizar, filtrar, recordar, programar, fichar, avisar, gerenciar, ajudar, brincar, atuar e até trabalhar. Todo um campo de fazeres significativos.

A presença desta nova tecnologia e de novos meios de comunicação vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construírem conhecimentos. Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos diferenciados, em consequência de ações culturais desta chamada cibercultura. Os ambientes existentes no ciberespaço são virtuais, mas nem por isso deixam de formar grupos, comunidades e redes sociais, de aprendizagem, de relacionamentos.

Castells (2003, p.109) diz que “as redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais”. Para ele a “transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade”. O autor afirma também que o individualismo é uma tendência dominante na evolução das relações sociais em nossa sociedade. Para ele o “novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede”. O advento da internet traz uma importante contribuição para “o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo.”

Uma rede social digital é uma estrutura social feita de nós (ou pontos de junção/intersecção, que são geralmente indivíduos ou organizações) que estão relacionados por um ou mais tipos de interdependência, tais como valores, visões, idéias, amigos, conflitos, comércio, trocas financeiras ou *links* na internet. A utilização das tecnologias de rede, aliada à fragmentação da formatação de conteúdos, da Web



2.0³, possibilita que as interações e articulações em redes sociais se tornem efetivas e gerem resultados para seus membros. Essas redes digitais não estão desconectadas do mundo real e as ações feitas *on-line* têm efeito no mundo *off-line* também, embora possam ser comunidades virtuais diferentes das redes físicas. É a evolução do modelo "um para muitos" para um modelo "muitos para muitos" no âmbito da própria internet.

1. Blogs e o microblog Twitter

No princípio dos anos 90, começaram a surgir os Fóruns da Internet, as listas de *e-mail*, a “*Usenet*” e os “*bulletin boards*”, dos quais vão surgir muitas das expressões usadas pelos blogueiros, como o post. Em dezembro de 1997, o termo “weblog” foi criado pelo norte americano Jorn Barger, para definir as páginas pessoais que utilizavam ferramentas que permitiam não só a ligação a outras páginas mais facilmente, como o uso de “*blogrolls*” (gestão de links) e “*trackbacks*” (gestão de arquivos), assim como comentários aos textos. Nos inícios de 1999, Peter Merholz, criou na sua página pessoal a palavra blog como diminutivo de “weblog”, mas também como uma forma verbal que foi depois popularizada pela criação do serviço Blogger da empresa Pyra em 1999.

Em 2003, os blogs começam a ganhar cada vez mais peso na comunicação social, especialmente pelo fato de começarem a aparecer os primeiros blogs anti-guerra no Iraque, com notícias que a maior parte dos meios de comunicação não transmitia. Um dos pioneiros da criação de ferramentas utilizadas quase exclusivamente pelos blogs foi Dave Winer da Universidade de Harvard, ao criar o serviço de “*trackback*” (ferramenta que possibilitava a ligação dos blogs a textos pessoais mais antigos, por meio de uma ligação na própria página). Finalmente, um dos momentos-chave do desenvolvimento e expansão dos blogs foi o surgimento do “Open Software”, que permitiu uma atualização e um desenvolvimento mais rápido das ferramentas utilizadas. A campanha presidencial norte-americana de 2008 e a utilização de blogs e microblogs como Twitter, pelo candidato e agora presidente Barack Obama, trouxeram esse assunto para o centro da discussão sobre redes digitais e sua importância para a comunicação.

Os blogs possuem ferramentas que permitem que os leitores possam opinar, perguntar, interagir a respeito de tudo que é discutido no blog, ou simplesmente de qualquer

³Web 2.0 é um termo que surge em 2004 para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma Web, como wikis, aplicações baseadas em redes sociais.



assunto que interesse a uma das partes. Essa liberdade de acesso e de expressão faz dos blogs uma ferramenta de comunicação com custos baixos e grande potencial de alcance. É um meio barato de produzir e distribuir. E tem fácil acesso. É uma mídia sem censura, exceto em alguns países (como veremos), que não é monopólio, pelo contrário, pode ser acessada e utilizada por todos. É sabido que nem todos têm acesso à internet, mas o acesso à rede é o único requisito básico para acessar os blogs e daí poder também ser um produtor de conteúdo. Que outra mídia possibilita isso?

Nos blogs, todos podem dialogar constantemente, possibilitando uma grande interação. Muitos questionamentos podem surgir quando pensamos sobre o alcance e abrangência dos blogs. E mais ainda quando falamos de independência, liberdade de expressão e ação. A disseminação dos blogs nos faz questionar a respeito das funções que eles vêm desempenhando na atualidade.

Com três anos de idade o Twitter, “uma rede social e servidor para microblogging que permite aos usuários que enviem e leiam atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), através da própria web ou por SMS”⁴(Serviço de Mensagens Curtas, do inglês *Short Messages Service*), vem ganhando popularidade no mundo todo. As atualizações exibidas no perfil do usuário são instantaneamente enviadas para os seus “seguidores” (pessoas que se inscrevem para seguir determinado pessoa/avatar) e podem ser lidas por qualquer pessoa, que tenha perfil no Twitter, e podem ser vistas na página do usuário por qualquer outro usuário. Algumas vezes o Twitter é descrito como o SMS da internet. “Um dado curioso sobre o microblog é que “um estudo da Universidade de Harvard concluiu que apenas 10% dos usuários produzem 90% do conteúdo”

2. Os meios de comunicação com extensões do homem⁵

Quem é este novo consumidor? Ele está em múltiplos lugares, tem acesso a muitos meios de comunicação e os usa com segurança. Ele se informa sobre tudo ao seu redor, elege empresas, exclui marcas, edita o melhor, enfim, ele interage, opina, recomenda. Acima de tudo ele é também co-autor, já sendo conhecido nos meios internacionais como “prosumer”, que é formado pelas palavras produtor + consumidor (producer e

⁴ em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter> acessada dia 05/07/09

⁵ Título do livro de Marshall McLuhan na tradução em português para a Editora Cultrix



consumir em inglês). Esse novo consumidor presente na internet, chamado de usuário, tem vez e tem voz. Ele é quase “onipresente” – pode “estar” em múltiplos lugares ao mesmo tempo- ele tem acesso a todo tipo de informação e meios de comunicação e os usa com segurança. Ele se informa sobre tudo ao seu redor, por meio da internet e pode passar informação para outros, também por meio da mesma rede. Ele é receptor e também emissor de mensagens, de informações, sendo uma figura muito mais complexa no processo da comunicação.

Nesta sociedade globalizada a informação circula quase que instantaneamente, não importa a distância. É “a dromocracia cibercultural” conceito explicado por Trivinho(2007), em seu livro de mesmo nome que explica a fase do capitalismo atual articulado pela velocidade dos meios de comunicação e tecnologia digital. A internet encurtou o ciclo da informação, modificando o tempo da mesma. A informação também pode ser estocada por muito tempo, com custos irrisórios e a infra-estrutura desta rede se expande no mundo todo como uma imensa teia. Seu território não está mais demarcado o protegido – a informação não se prende às fronteiras, nem ideologias. É o processo de *glocalização da existência humana*⁶ - onde glocal é uma junção de global com local. O fenômeno glocal surge com o advento das telecomunicações - se inicia com o telégrafo e só aumenta com as novas tecnologias do virtual. É uma “comunicação instrumental à distância, isto é, aquela que é mediada por máquinas”.

Com o avanço da telecomunicação e a convergência tecnológica, os terminais telefônicos, especialmente os de 3ª Geração (que podem transmitir voz, dados e entretenimento na mesma rede e no mesmo aparelho), passam a ter um papel importante no mix de comunicação, principalmente no caso dos usuários mais jovens.

A comunicação virtual pode ser uma nova forma de pressão desta nova sociedade. Hoje já sabemos que os meios digitais podem ser usados para difundir informações que não têm destaque na mídia tradicional. Vale lembrar exemplos internacionais onde a mídia estabelecida teve que cobrir assuntos que tentou ignorar (ou não sabia mesmo) e que foram levantados pela internet, como o caso Monica Lewinsky/ Bill Clinton, alguns fatos da vida de Dan Rather, ex-candidato ao governo americano na eleição de 2004 chegando até recente caso da eleição presidencial no Irã, no último dia 12 de junho.

⁶ TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007



Antigamente, os regimes autoritários conseguiam ocultar os acontecimentos em seus países com atos simples, como cortando as linhas telefônicas e restringindo a entrada e saída de pessoas, especialmente estrangeiros, no país. Mas, no século XXI, as câmeras de terminais móveis, os blogs, as contas no Twitter e todo “arsenal” da internet mudaram esse cenário. Assim, os meios de comunicação como extensões do homem acabam de ser estendidos ainda mais: para todos aqueles que estão nos lugares onde as notícias estão acontecendo.

3. "Aldeia global"⁷

As observações de McLuhan nos permitem repensar o que está acontecendo ao mundo em termos de comunicação. McLuhan não presenciou a internet, a rede mundial de computadores (*World Wide Web*), mas sua visão nesse campo está se concretizando. Estar no ciberespaço nos conecta com o mundo, mas nos impõe dúvidas e desafios.

A enorme exclusão social continua a existir no mundo virtual e traz com ela o analfabeto digital, aquele cidadão que não está dromoapto⁸ a operar e se comunicar nesse novo modelo. A nova lógica da desigualdade virtual gira em torno da aptidão (de conectar-se à rede - posse e conhecimento) e da velocidade (de aprendizado, de conexão e troca de equipamentos e softwares). A teoria é uma coisa e a realidade é outra.

“Já pouco confiável, o sistema de informação está atualmente sujeito a uma revolução radical com o advento do digital e da multimídia, cujo alcance é comparado por alguns com a invenção da imprensa em 1440, por Gutemberg.”, assim Ignácio Ramonet, jornalista e doutor em Semiótica, inicia seu livro “A Tirania da Comunicação”. Ele acredita que a internet cria uma ruptura que poderia acabar por revolucionar todo o campo da comunicação.

A instantaneidade do meio- a informação em tempo real- vista por muitos como uma virtude do novo meio pode ser também fator de preocupação. Como separar o joio do trigo? Como saber, entre milhares de páginas acessadas, qual será verdadeira? E qual será a precisão dessa notícia? A rapidez da disseminação da informação muitas vezes não permite a verificação desta e falsos boatos são colocados e espalhados pela rede.

⁷ Marshal McLuhan usa o termo aldeia global para falar sobre o mundo interligado

⁸Dromoaptidão conceito explicado por TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007, pg72



Recentemente, o ator norte-americano Patrick Swayze, que está numa batalha contra um câncer no pâncreas, teve que se apresentar na rede para explicar que não estava morto como anunciado. O mesmo aconteceu com Jeff Goldblum, escritor norte-americano.

Vivemos hoje numa sociedade da informação onde todo mundo se comunica. Onde todos podem produzir informação, ter seu próprio jornal ou blog, seu próprio boletim, e sua divulgação é imediata e com um grande alcance.

A pressão pela rapidez da informação, pelos meios buscando o furo a qualquer custo, tem levado a muitos erros e, às vezes, muito sofrimento para familiares e amigos de vítimas de acidentes que sabem do ocorrido pela mídia. Desde que os blogs começaram a competir com a mídia de massa, muitos editores têm preferido corrigir depois a esperar para publicar com mais detalhes e certeza – e ser furado pelo concorrente. A busca pela exclusividade tem aproximado cada vez mais a mídia tradicional dos blogs e, especialmente, do Twitter. A morte de Michael Jackson foi anunciada antes pelo microblog e só depois, quando algumas redes já falavam da biografia do cantor e postavam fotos, filmes e dados sobre Jackson, é que a notícia foi confirmada pela TVs e sites jornalísticos. As notícias que circulam no Twitter e são retuitadas (reenviadas com RT sinal @ e identificação da pessoa que postou a informação) por outras pessoas e podem se espalhar muito rapidamente, muitas vezes rápido até demais, sem deixar tempo de checagem da veracidade da informação.

Ramonet chama atenção para a descoberta de novos territórios de informação “que são a vida privada de personalidades públicas e os escândalos ligados à corrupção e ao “affairismo””. Ele chama isso de jornalismo de revelação (em oposição ao jornalismo de informação). Esse tipo de jornalismo é preocupante porque acirra a competição pelos furos de reportagem e também traz a “hiperemoção causada pela superinformação”. É o espetáculo trazido para o jornalismo e o furo a qualquer preço. Outro perigo desse tipo de informação é que um evento pode servir para despistar um anterior ou indesejado - é a informação que oculta outra informação e não depende mais da relevância ou importância do assunto. Antes podia se dizer que quem tinha informação tinha poder. Hoje a informação é superabundante e o excesso de notícias é outra forma de dispersão.

Credibilidade talvez seja o maior problema da internet. Além do uso de pseudônimos e avatares, a rapidez para se criar novos perfis revela a fugacidade das identidades na



rede, como saber quem está postando o quê? Como desenvolver a reputação nessa nova rede tão volúvel e rápida? Ser parte de uma rede nada garante, pois os membros desta rede podem bloquear ou deletar sua conexão, ou deixar de segui-lo, no caso do Twitter.

4. Internet e a censura de governos

Desde o começo da era digital, governos e rebeldes lutaram por causa das tentativas de censurar as comunicações. Mensagens curtas de texto, sites na internet, redes sociais podem ser usadas para reunir os simpatizantes em uma causa ou outra. Quando Mianmar tentou silenciar os manifestantes em 2007, desativou a rede da internet no país durante seis semanas. A China bloqueou o acesso ao YouTube e ao Twitter, além de blogs, nos dias próximos à data que marcou o 50º aniversário do levante no Tibete em 1959 (e dos protestos dos ocorridos no ano passado) bem como próximo aos 20 anos dos protestos da Praça da Paz Celestial, em 1989, ocorridos em junho. Assim também, outros países, como o Irã tem expandido e aprimorado os mecanismos de filtragem de sites para bloquear o acesso da população. Os mesmos softwares de filtragem, caros e sofisticados, que ajudam o FBI (Federal Bureau de Investigações) a buscar mensagens criminosas de Bin Laden são utilizados por regimes totalitários para restringir mensagens e postagens na internet.

No caso do Irã, “desde 2006 a conexão à web é restrita a 128 kilobits por segundo”. De acordo com a Repórteres Sem Fronteiras, “17 blogueiros iranianos foram presos ou interrogados no ano passado, mas o crescimento do número de internautas a uma taxa anual de 48% nos últimos 8 anos fez surgir uma das maiores e mais ativas blogosferas politizadas do mundo”. O cenário é descrito no último relatório divulgado em junho sobre a censura da internet no Irã, do instituto OpenNet Initiative (ONI), organização mantida por pesquisadores de universidades dos EUA, Canadá e Reino Unido.⁹ A ONI conduziu testes nos maiores provedores de internet do Irã e concluiu que o país tem bloqueado o acesso principalmente a sites de defesa dos direitos humanos e das mulheres e às páginas de partidos de oposição ao governo.

As redes sociais e sites de compartilhamento de conteúdo se tornaram alvo dos países que censuram a internet em 2009. Com a proximidade das eleições no Irã, o país passou

⁹ SERRANO, Filipe para o Jornal O Estado de São Paulo de 22jun 2009 – caderno Link



a bloquear sites de relacionamento, como o Facebook, MySpace e Orkut (que também era popular no país) e a sites de vídeo e fotos, como YouTube e Flickr.¹⁰

As tentativas do Irã para impedir essa nova realidade estão oferecendo um laboratório do que pode ou não pode ser feito nessa nova era da mídia. Também está oferecendo lições para outros governos. Uma das primeiras lições é que é mais fácil limitar as imagens e a informação dentro do país do que impedir que se espalhem rapidamente para o mundo exterior. Enquanto o Irã restringia o acesso à internet, surgia uma rede mundial de simpatizantes para ajudar a conectar os ativistas e a população de modo geral.¹¹

A ampla penetração da web torna a censura “um trabalho muito complicado”, disse John Palfrey, codiretor do Centro Berkman para a Internet e a Sociedade, em Harvard, EUA. O Centro estima que “cerca de 35 governos —tão díspares quanto China, Cuba e Uzbequistão— controlam extensamente o acesso de seus cidadãos à rede mundial. Destes, o Irã é um dos mais agressivos”. Palfrey disse que a tendência tem sido um aumento da censura, e não diminuição. “É quase impossível o censor vencer no mundo da internet, mas eles estão brigando firmemente”, disse o diretor.¹²

Censurar a internet de forma imperceptível é o sonho dos governos repressivos e de modo geral os internautas mais censurados, muitas vezes, são aqueles que nunca chegam a tomar conhecimento da censura. O governo iraniano está movendo uma repressão à internet, na tentativa de subjugar os protestos que se seguiram à eleição presidencial de 12 de junho. Ao mesmo tempo, mandou a polícia às ruas para reprimir manifestantes e jornalistas estrangeiros. E o governo iraniano está descobrindo como é difícil tentar controlar a internet com meias medidas. Por causa da evidência tão grande de censura pelo governo iraniano “o mundo” tenta manter o Irã conectado digitalmente e muitos simpatizantes fora do país têm guiado iranianos, burlando essa vigilância.

A população do país questiona mais ainda a censura quando ela atinge também a maioria das pessoas que usam a internet para curtir a vida, compartilhar fotos e momentos. Assim, quando um governo censura a internet, deve pensar duas vezes,

¹⁰ SERRANO, Filipe para o Jornal O Estado de São Paulo de 22jun 2009 – caderno Link

¹¹ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

¹² STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo



pois pessoas “despolitizadas” tomam consciência de que o governo teme a livre circulação de informação, pois bloqueia tudo para poder bloquear alguns vídeos políticos.

A internet “certamente rompeu 30 anos de controle estatal do que é visto e não é visto, do que é visível contra invisível”, disse Navtej Dhillon, analista do Brookings Institution, em Washington¹³. Mas tirar fotos é uma atitude cada vez mais perigosa no Irã. Ameaçar as pessoas que têm câmeras é apenas a última de uma série de medidas das autoridades. Em 12 de junho, dia em que a polêmica eleição presidencial provocou os protestos, o governo fechou todos os serviços de mensagens de texto do país e no dia seguinte à eleição, o provedor de telecomunicações controlado pelo Estado desligou a web durante mais de uma hora, segundo a companhia de monitoramento da internet Renesys¹⁴. O acesso foi parcialmente restabelecido dois dias depois. Apesar da repressão, os vídeos e as mensagens indicam que ferramentas amplamente distribuídas na rede não podem ser totalmente reprimidas por um governo autoritário. “Você não pode tentar trancar toda a internet em uma caixinha no seu país, como a China constantemente tenta fazer”, disse Richard Stiennon, fundador da IT-Harvest, empresa de pesquisa de segurança na web¹⁵. “Há inúmeras maneiras de contornar bloqueios. Eles teriam de proibir toda a internet ou construir sua própria rede.

5. Twitter e resultados da eleição presidencial de 2009 no Irã

Começou no Twitter. Após o resultado da eleição para a presidência do Irã ter sido anunciado e sua veracidade ser posta em xeque por entidades internacionais, o país passou a restringir o acesso de correspondentes estrangeiros em suas fronteiras e a cortar as comunicações de sua população com o resto do mundo. O interesse mundial se voltou para os acontecimentos no Irã ao mesmo tempo em que acusava a CNN e ironizava a falta de cobertura do assunto pela rede de notícias. Logo depois, a CNN - motivada ou não pelo Twitter, a emissora não comentou - passou a dar mais espaço para o tema em sua programação. Os usuários do Twitter começaram a receber posts pedindo que mudassem a localização e fuso horário de seus perfis Teerã, buscando confundir a

¹³ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

¹⁴ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

¹⁵ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo



censura do governo iraniano, ao mesmo tempo em que pintavam suas fotos de verde, a cor do país, em solidariedade à causa. Foi um movimento frenético de post com pedidos e alertas da situação no país. Isso foi só o início de uma reação em cadeia que transformou não apenas o Twitter, mas as várias redes da web 2.0, como Facebook e YouTube em canais de comunicação entre o Irã e o mundo. Logo, iranianos estavam nas ruas, protestando contra o presidente reeleito Mahmoud Ahmadinejad ao mesmo tempo em que filmavam, fotografavam e reportavam tudo para o resto do mundo via web.

Um fato curioso foi que a própria parada para manutenção do Twitter prevista para o fim de semana subsequente às eleições do Irã foi cancelada a pedido do Departamento de Estado Norte-Americano, segundo informações que circularam no próprio microblog. O Twitter tem uma característica diferente de outras redes. É difícil bloquear o serviço porque 140 caracteres (ou menos) podem ser enviados de terminais móveis como uma mensagem de texto.

Pouco depois da morte da ativista Neda Agha-Soltan pela polícia iraniana em confrontos em uma rua de Teerã, dia 20 de junho, num protesto questionando o resultado das eleições, um vídeo de 40 segundos de sua agonia percorreu o mundo. O homem que fez o vídeo enviou o arquivo de 2 megabytes por e-mail para um amigo próximo. Burlando os censores do governo, ele rapidamente o remeteu para a rádio Voice of America, o jornal "Guardian" e para cinco amigos na Europa, com uma mensagem que dizia: "Por favor, façam o mundo saber."¹⁶ Cópias desse vídeo, bem como outros, se espalharam quase imediatamente para o YouTube e foram exibidos horas depois pela CNN e outras emissoras no mundo todo. Neda foi transformada de uma vítima anônima em um ícone do movimento de protesto iraniano – via internet.

6. "Blogs são imprensa livre que não temos"

Com a afirmação acima do jornalista e blogueiro iraniano, Roozbeh Mirebrahim exilado em Nova York, nos EUA, o jornal Folha de São Paulo, do dia 25 de junho de 2009, começa uma matéria sobre os confrontos entre polícia e povo iraniano onde o blogueiro vai comentar a situação de confrontos no Irã iniciados após a divulgação dos resultados da eleição que dava a vitória ao atual presidente Mahmoud Ahmadinejad - que estavam

¹⁶ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo



sendo contestados pela população. No Irã Mirebrahim foi condenado pela justiça iraniana a dois anos de prisão e 84 chicotadas, por "propaganda contra o sistema", por "difamação do Supremo Líder" e por "perturbar a ordem pública", explica o jornal. Ele estava no grupo dos quatro primeiros blogueiros que foram presos, no final de 2004, depois de revelar detalhes de uma investigação sobre a morte de uma jornalista no país. Tratado como herói na blogosfera iraniana, Mirebrahim hoje edita um jornal sobre o Irã no exterior e colabora com a "resistência-cyber", enviando programas que ajudam a driblar a censura iraniana para seus amigos que ainda estão no país. Segundo o entrevistado, há centenas de blogueiros iranianos, que como ele, tiveram que fugir do país. “Uma das responsabilidades desse blogueiros é suprir quem ficou com os mais modernos filtros, vpns, proxies [mecanismos de conexão indireta] que sirvam para driblar a censura”. E explica que “com 30 anos de TV estatal iraniana, pouca gente nas cidades acredita no que ela fala, só mesmo em vilarejos, no campo. As pessoas buscam outras fontes de informação e a blogosfera é a imprensa livre que eles não têm.” E diz que “os jovens iranianos estão desesperados por mudança”. Assim o “governo fez cada um se ver como repórter” ao expulsar a imprensa estrangeira e hoje “cada celular é uma câmera no Irã”

O trabalho de censura do governo iraniano foi dificultado porque existe no Irã uma comunidade dinâmica de blogueiros, fato que ele atribui a uma campanha iraniana anterior de censura à mídia impressa tradicional, em 2003. Pessoas que escreviam correram à internet. Esse fato, somado ao histórico de restrição a ferramentas de mídia social, garantiu que um grupo de comunicadores aprendesse novas maneiras de transmitir suas mensagens - com frequência conectando-se a um computador de fora do Irã.

Cerca de 8 meses atrás foi colocado na rede um filme intitulado intitula “Irã: uma Nação de Blogueiros”¹⁷, feito na Escola de Cinema de Vancouver que se tornou uma campanha viral com grande impacto social, falando dessa nova realidade no Irã, buscando mudanças, mostrando torturas e prisões de blogueiros. O Irã tem em metade de sua população, de 70 milhões de habitantes, jovens com menos de 25 anos e é apontado como o terceiro maior contingente de blogueiros no mundo. O vídeo também fez com que muitos jovens de outros países conhecessem a situação dos jovens iranianos e se

¹⁷ <http://vimeo.com/2139754?pg=embed&sec=> - acessado em 15jun 2009



identificassem com eles, o que deve ter trazido uma maior empatia no momento dos confrontos políticos.

Antes das eleições, a blogosfera e a internet iranianas tinham muito de entretenimento, mas, com a crise, virou grito de guerra, de sobrevivência, explica Mirebrahim. Não dá para o governo desligar a internet o dia inteiro, porque isso prejudicaria os seus próprios interesses, seus negócios, sua comunicação como mundo. Então, se a internet “funciona três horas por dia, é nesse tempo que os jovens mandam centenas de fotos, vídeos, mensagens entre si e para o mundo”. Mas, ele não acha que só faz a revolução só pela internet. Ele enfatiza que “é bom ter passeata, ter manifestação, com cartazes. O povo precisa estar na rua, fico pessimista ao ver que as pessoas estão apavoradas em casa, com medo de apanhar, da prisão ou de morrer. É bom conquistar blogs, mas precisamos estar na CNN, no "New York Times", na imprensa tradicional. Achar que dá para mudar o regime só no Twitter é ingênuo”.

CONCLUSÃO

A importância política das redes digitais

O caso das eleições no Irã é apenas o mais recente e destacado entre vários nos quais a internet abriu um canal para cidadãos manifestarem descontentamento com a conduta oficial, mostrando o potencial da rede como catalisadora de transformações sociais. As redes digitais são uma grande caixa de reverberação de informações.

As reações de governos autoritários levantam perguntas quanto ao poder que as autoridades possuem para controlar o que chamam de “incidentes de massa on-line”. Os países autoritários, como China e Irã, exercem controle abrangente e sofisticado sobre a internet e empregam milhares de pessoas para monitorar a rede, usando softwares sofisticados e caros para localizar palavras-chave que possam ser indicativas de subversão. Mas o sistema não é infalível, e os internautas freqüentemente encontram maneiras de driblar a censura, muitas vindas de outros países, de blogueiros estrangeiros.

São fatos novos na rede e por estarem sendo mostrados *on-line* esses fatos trazem benefícios práticos. Criam mais uma barreira à censura. Além dos benefícios, há algo de satisfatório no fato de um país ser ajudado por blogueiros comuns que de repente



manifestam sua habilidade organizacional e sua crença nos princípios de liberdade e solidariedade.

O público dessas redes digitais está cada vez mais consciente das idéias democráticas, da transparência e da responsabilidade. Esses internautas estão aproveitando, a todo momento, os pequenos espaços e estão avançando. Nem todas as cruzadas são de interesse público, mas algumas campanhas na web parecem estar surtindo bons resultados.

Referências bibliográficas

BARABASI, Albert-Laszlo. **Linked: How everything is connected to everything else and what it means.** EUA:Plume Publishing, 2003.

BLACK, Roger. **Websites que Funcionam.** São Paulo: Ed. Quark, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Ed. Loyola, 1999

_____.**A Galáxia da Internet.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003

COHEN, Noam. Fotos de gatinhos ajudam blogs a driblar censura. **Folha de São Paulo.** 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.2.

EVANS, Philip e WURSTER, Thomas S. **A Explosão dos bits** -estratégias na e-conomia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000

FRIEDMAN, T. **O Mundo é Plano** – breve história do século XXI, Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2005/2006 (segunda edição revisada e atualizada pelo autor)

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne** – o homem na idade da técnica. São Paulo, Ed. Paulus, 2006

HEWITT, Hewitt. **BLOG-Entenda a Revolução que vai mudar seu Mundo.** Rio de Janeiro: Ed.Thomas Nelson Brasil, 2007

IRAN: A NATION OF BLOGGERS. **Vancouver Film School.** Filme postado 8 meses atrás (informado na data de acesso). Disponível em < <http://vimeo.com/2139754?pg=embed&sec=> > Acessado em 15 jun. 2009.

JOHNSON, Steven. How Twitter Will Change the Way We Live.**Time.**05/06/09. Disponível em <<http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1902604,00.html>> acessado em 10/06/09

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999

_____.**A Inteligência Coletiva.** São Paulo: Ed. Loyola.2000

LI, Charlene e BERNOFF, Josh, **Groundswell** –winning in a world transformed by social technologies, Massachusetts, EUA :Harvard Business Press, 2008



LORES, Raul. “Blogs são imprensa livre que não temos”, diz blogueiro do Irã. **Folha de São Paulo**. 28 jun. 2009. Caderno Mundo, pg. A24.

MANOVICH, Lev. **The Language of the New Media**. Massachusetts: The MIT Press, 2001

MATIAS, Alexandre.. Da rua para a rede, da rede para a rua. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm>> Acessado em 27 jun.2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Ed. Cultrix ,2007

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999

SCOBLE,Robert & ISRAEL, Shel. **Naked Conversations** – how blogs are changing the way businesses talk with costumers, New Jersey,: Wiley & Sons, 2006

SERRANO, Filipe. Redes sociais são novo alvo de censura. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm>> Acessado em 27 jun.2009.

STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.1

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007

Twitter.in **Wikipédia**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>> acessada em 05 jul.2009